



As crenças nórdicas pré-cristãs: aspectos gerais e conceituais

Pre-Christian nordic beliefs: general and conceptual aspects

Glezia Alves de Melo¹

Resumo: Este artigo propõe uma breve compreensão dos povos nórdicos em seu contexto social, cultural e espacial. Entre as premissas apresentadas será englobado especialmente a Era Viking, período, esse, desenvolvido entre o século VIII ao XI. Entretanto, o recorte está pautado no século XIII, devido a datação das *Eddas*. Nesse recorte sincrônico, descreveremos as principais atividades vividas entre os povos pré-cristãos em que refletem elementos de mudanças político-sociais significativas até as interações cotidianas entre os povos cristãos, suas percepções ideológicas, as manifestações políticas vivenciadas e até mesmo como o espaço era ocupado por eles. O foco principal visa a compreensão dos mitos pelos nórdicos, quais seus significados e símbolos, quais as divindades eram cultuadas, além de descrever como as fontes primárias estão interligadas à maneira a qual os nórdicos expressavam suas crenças antigas: na sua forma inicial (mítica), ou seja, a forma de dramatização do sagrado nórdico.

Palavras-chave: Divindades nórdicas. Fontes primárias. Mitologia nórdica.

Abstract: This article proposes a brief understanding of the Nordic peoples in their social, cultural and spatial context. Among the premises presented, the Viking Age will be especially included, a period that developed between the 8th and 11th centuries. However, the main section is based on the 13th century due to the dating of the *Eddas*. In this synchronic section, we will describe the main activities carried out among Pre-Christian peoples, which reflect elements of significant political-social changes, including everyday interactions between Christian peoples, their ideological perceptions, the political manifestations experienced and even how space was occupied for them. To this end, the article focuses on the Norse's understanding of myths, what their meanings and symbols were, which deities were worshiped, in addition to describing how the primary sources are interconnected with the way in which the Norse expressed their ancient beliefs: in their initial form (mythical), that is, the form of dramatization of the Norse sacred.

Keywords: Norse deities. Primary sources. Norse mythology.

¹ Mestre em Ciências da Religiões pelo PPGCR-UFJF, tendo com abordagem de estudos a Perspectiva Filosóficas, Históricas e Fenomenológicas das Religiões. Estudando temas como: Linguagens Religiosas, Narrativas nas Eddas de Snorri Sturluson, Mitologia Nórdica, Escandinávia e as mitografias da divindade Loki. Pesquisadora do Grupo NEVE (Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos). Possui Graduação em Psicologia com ênfase Clínica pela Faculdade Maurício de Nassau - João Pessoa (2018). Pós-Graduação em Saúde Mental 2020. Pós-graduação em Psicanálise (2025) Formação em Psicanálise - SPP. Atualmente desenvolve seu trabalho como Psicóloga, no CAPS II. Atuando no contexto da Arteterapia em Saúde Mental. As principais Pesquisas desenvolvidas em Psicologia envolvem principalmente temas como: Teoria Dejouriana, Gênero, Sigmund Freud, Carl Gustav Jung. Sobretudo, nas pesquisas atuais em Ciências das Religiões, os trabalhos mais desenvolvidos se direcionam a temas como: Mitologia Nórdica, Loki, Linguagens, Narrativas Religiosas, História das Religiões, Cultura Visual e História da Arte no Século XIX. E-mail: gleziaalvespsi@gmail.com

Introdução

A mitologia nórdica ainda é algo que desperta muito o interesse em diversos estudiosos, leitores e acadêmicos no geral, seja no campo da história, religião e áreas aproximadas como psicologia, sociologia e até mesmo na própria antropologia. Sabemos que o desenvolvimento desses povos é uma temática que necessita ser mais discutida no Brasil, e, em vista disso, objetivamos trazer apontamentos sobre eles, seus conteúdos históricos e suas formas cotidianas para que possibilitem entendimentos acerca desses indivíduos, ou seja, as fontes primárias como elemento potencial podem explicar como o fenômeno religioso é vislumbrado para os povos pré-cristãos do norte.

Em vista disso, as *Eddas* são consideradas um elemento documental utilizado pelos nórdicos como memória para suas crenças antigas. Em uma primeira instância, o desenvolvimento dos nórdicos pré-cristãos imergiu nos países Escandinavos através da oralidade, mas, posteriormente, essas memórias orais foram transcritas pelo escritor Islandês conhecido como Snorri Sturluson, ainda no século XIII. Além das *Eddas* como fontes, descreveremos neste artigo as sagas e os poemas escáldicos, explicando suas métricas e teores de difícil interpretação - todas essas fontes são consideradas primordiais para qualquer estudo em mitologia nórdica.

Contextualizando a mitologia nórdica

Para perscrutar o mito é necessário descrever como a mitologia em sua gênese possibilita a responsabilidade de explicar ao homem os eventos sobre o mundo, seu início e as possíveis repostas que delimitam a imanência de significados. Sabemos que o mito pode estar em constante construção e mudança com o passar do tempo, mas, também, alguns elementos se fixam à sua tradição e cultura dentro dos contextos que compõem um esquema social. O horizonte determinado no diálogo proposto caminha em suas construções históricas, sociais, de tradições, performances políticas, que aludem às concepções de cada período. Portanto, a sociedade reflete e molda a construção do que chamamos de mito, abarcando suas dimensões circundantes em todas as convivências de costumes dentro de uma cultura, estando, também, dentro dos sistemas de contexto histórico-social em cada conjuntura humana.

Em detrimento das principais motivações da existência do mito, encontramos elementos que foram descritos e respondidos pelos indivíduos, pois, suas evidências encontram-se nas fontes arqueológicas. As fontes primárias, que se dão entre poemas, prosas, sagas, dentre outras, delineiam a história de um movimento contínuo de memória. Esses elementos se desenvolvem nos mitos, trazendo respostas. O mito é um elemento que abrange definições e explicações que circundam o tempo histórico-social de uma tradição, seus ritos e os sistemas imaginários sociais de um povo.

Por esses e tantos outros motivos, a elucidação do mito passou a ser compreendida e estudada através de várias fontes de grande teor significativo. Com seu advento, procurou-se descrições que se façam lógicas, passando a fazer sentido para uma determinada comunidade. O mito não se torna uma resposta ligeiramente inverossímil, como algumas teorias fenomenológicas o explicam. Ele é baseado em evidências (vivências), que são o principal elemento de interesse a ser estudado por um historiador das religiões.

John Lindow (2002, p. 2-36), autor do livro *Handbook of Norse Mythology – o livro de mitologia nórdica*, nos permite pensar sobre a natureza do tempo mítico, na seguinte premissa: as religiões experimentam e codificam o tempo de múltiplas formas. Em sua progressão há um conjunto infundável de ciclos como processos degenerativos, sem uma ordem pré-estabelecida. Estamos acostumados, em nossa forma de pensamentos, a um sistema linear organizado, assim como a tradição judaico-cristã, em que percebemos uma clara e concisa sequência na criação do mundo através de um longo presente que conduz a um fim de uma história.

Um exemplo sobre isso é o do sol. A ciência, em sua dinamização, nos demonstra esse pressuposto sobre o tempo de vida dele: segundo as teorias mais concisas, a vida do sol tem um tempo estabelecido; isto é, esse tempo é limitado e, devido à expansão do sol, estima-se que em um dado momento ele chegará ao seu desfecho. Em um olhar mitológico, essa finitude do sol poderia trazer uma narrativa ou explicação de um sistema cíclico, em que todo final proporcionaria um novo início. Na mitologia nórdica existem desafios especiais porque muitas das fontes foram registradas por cristãos, cuja configuração de pensamento possuía uma proporção de organizar os eventos de forma paulatina devido a tais influências. Toda e qualquer compilação escrita sobre as histórias

narradas exigia uma cronologia objetiva. Por isso, a *Edda em Prosa* de Snorri Sturluson, faz-se mais clara e atraente.

Sobretudo, existem fontes que não estiveram organizadas com a devida sistematização de seus conteúdos: tanto na cosmogonia, quanto na cosmologia dos textos. A *Edda em Prosa* é prescrutada de forma mais lógica para os leitores modernos. Mas é na *Edda Poética* que encontra-se o *Voluspá*, um dos poemas mais famosos contido nesse compilado. Nele, descreve-se semelhanças entre as crenças nórdicas tardias e as hibridizações de um período que já estava cristianizado e com bastantes tendências a uma nova religião, apresentando uma maior preocupação com a linearidade em suas narrativas.

Lindow (2002, p. 2-36), afirma um apontamento cosmológico importante na compreensão da mitologia nórdica dividindo-a em tempos lineares: presente, passado e futuro mítico são considerados importantes para a compreensão da mitologia nórdica nessa ordem, apresentando tais características como os elementos cosmológicos vistos nas narrativas das *Eddas* e bastantes cruciais em seu entendimento.

Na tentativa de explicar os termos cronológicos, entendemos que a mitologia escandinava possui uma ordenação na *Edda em Prosa* de Snorri. Este, por sua vez, concedeu uma cronologia bastante importante na compreensão dos eventos, enquanto nos poemas essa cronologia não existe. Em resumo, o presente olha para o passado próximo, assim como o presente, olha diretamente para o futuro próximo. O trabalho criativo do passado é desfeito com o futuro próximo, mas essa relação é viciosa entre os deuses e os gigantes (Lindow, 2002, p. 39-45).

É necessário compreender como as visões de mundo das religiões mais tradicionais se vinculam e interpretam unidades culturais que há um bom tempo deixaram de existir, porque essas continuam a moldar estruturas míticas e rituais em novos ambientes e talvez em novas mídias e para novos propósitos. Quando aceitamos as visões das religiões mais tradicionais sobre essas unidades culturais, reforçamos argumentos como o de que essas culturas e religiões antigas não devem ser vistas como sistemas completos e coerentes. Mas o que se observa, no entanto, é que elas foram grupos de discursos abertos e marcados pela oralidade, o que faz parecer óbvio que as partes desses discursos religiosos ou míticos possam ser transmitidos provavelmente com uma espécie de transformações, uma vez que estamos lidando com culturas orais por muitas gerações,

apesar das migrações e no contato com as culturas e assim por diante (Schjødt, 2017, p. 51-65).

John Lindow repercute as conceituações das narrativas na mitologia percebendo que a maior parte dos seus escritos apresentam condições diretivas e cronologias em seus aspectos, sendo delineadas dentro de regras próprias de cada uma dessas mitologia de cada um de seus códigos. Na mitologia nórdica é apresentada uma considerável ordenação dessas narrativas em estrofes e contextualizações. Não existe uma exigência desses eventos dentro da mitologia de modo geral, portanto, sua necessidade de se encaixar nessa mesma ordem não é uma regra previamente obrigatória (Lindow, 2002, p. 2-36).

Nessa tentativa de definição, pensamos principalmente nos elementos representativos ao afirmar o mito dentro de uma realidade cultural, de tradição e tempo histórico, todavia é realizado um recorte desafiador em sua definição, pois este é considerado mutável diante da tradição, de seu sentido êmico, de sua linguagem, de suas narrativas, das toponímias e de suas categorias simbólicas de signos propriamente estabelecidos em uma região, além de seu período (Lindow, 2002, p. 39-45).

Lindow (2002, p. 2-36), retrata também a compreensão geral do mito com um diálogo cotidiano se referindo a algo que passa a ser contestado; ou seja, não atribui valor de verdade, expressando incerteza. Quando os historiadores da religião conceituavam o mito como sendo uma revelação do sagrado em palavras, a própria antropologia compreendia as narrativas relatando sobre a formação de alguns tipos de desenvolturas. Os personagens e suas histórias passaram a caracterizar uma profundidade no tempo dessas narrativas, tendo em torno de dois milênios (ou até mais). Além disso, na representação de tais produções havia um valor imensamente simbólico para quem reproduzia tais elementos escritos.

Descrevendo e objetivando compreender a relevância sobre as fontes, Davidson (1993, p. 37-59), afirma fatores importantes na descrição das compreensões dos mitos nórdicos. São os mitos percebidos nos monumentos, envolvendo as imagens da poesia escáldica, preocupando-se em estudar as mortes dos reis e heróis. Entretanto, o próprio Odin permanece como uma figura evasiva em seu cavalo de oito patas, o Sleipnir², além

² É o corcel de oito patas do deus Odin, descrito como o melhor de todos os cavalos, o mais rápido e mais resistente, capaz de ir pelo ar e viajar para mundos diferentes. Seu nome vem do nórdico antigo *sleppa*, que significa “deslizar” ou “escorregar suavemente”. As origens de Sleipnir são descritas no *Gylfaginning* (primeira parte da *Edda* de Snorri Sturluson). (Langer, 2015t, p. 474-475).

da vinda de Odin, não trazendo garantias se de fato, seria ele ou um morto homenageado em algumas estelas. Portanto, não há um caminho previamente simples para pensar em estabelecer a identidade de figuras sobrenaturais nas primeiras artes iniciais.

Em um dos mais célebres conjuntos iconográficos da Europa Setentrional encontrados na religiões nórdicas pré-cristãs, sua relação íntima com a mitologia é vista em cruces e lápides na Escandinávia, Inglaterra e Ilha de Man. Entre essas imagens, percebemos associações a eventos narrados nas *Eddas*, como o de Odin sendo devorado pelo lobo Fenrir e sua lança virada para baixo como sinal de derrota em inscrições nas Estelas de Gotland. É importante perceber que a memória dos mitos é mutável, ou seja, com o tempo demonstra ser um material pictórico limitado, cujas imagens ganham sempre novas formas de serem interpretadas (Turville-Petre, 1975, p. 1-35).

Mas ainda assim, podemos dizer que o conjunto de narrativas acerca das divindades e seres sobrenaturais na Escandinávia e Europa Setentrional seriam elementos de ligação à religião pré-cristã, ou seja, às tradições dos povos germânicos de origem indo-europeia; narrativas preservadas na Islândia e Noruega da Idade Média Central. Dentro dos conteúdos dessas narrativas, iremos encontrar os difíceis relacionamentos dos deuses, gigantes e homens. Os povos pré-cristãos acreditavam nas deidades, no entanto, uma divindade obteria grau de valor para a comunidade muito maior do que outras. Além disso, a relação entre o homem e a divindade era complexa, podendo ser levada ao temor ou a uma relação de irmandade. A religião nórdica pré-cristã não possuía dogmas ou doutrinas tais como o são nas religiões judaico-cristãs. Os mitos eram considerados a principal forma de transmitir suas emoções, ideias e valores sobre o homem, a natureza e até mesmo os locais sagrados escolhidos por esses povos (Langer, 2023, p. 61-63).

Apresentação das fontes escritas da mitologia nórdica

As fontes escritas dos conteúdos em seus manuscritos nos mitos têm como objetivo a preservação das versões originais das histórias que ocorriam naquele período passado, como uma forma de preservar a memória o grande mérito em suma se voltava a preservação desses materiais importantes. Mas um ponto de debate sobre esse tema elenca a seguinte pergunta: até que ponto a literatura medieval conservava a oralidade genuinamente? A poesia nórdica antiga presumivelmente é delimitada em dois conjuntos distintos: poesia éddica e a poesia escáldica. Essas fontes se sobrepõem: a poesia

escáldica e a éddica tratam o mito de forma diferente, e cada uma delas carrega consigo os seus próprios desafios interpretativos. Mas, ao mesmo tempo, cada uma se sobrepõe a outra, presumindo uma forma estritamente única de como esses entendimentos narrados podem ser reinterpretadas, tornando-se assim, elementos peculiares em sua forma de escrita (Abram, 2019, p. 121-174).

Turville-Petre (1975, p. 1-35) considera elementos cruciais sobre os conteúdos das fontes escritas sendo estritamente relevantes para o paganismo setentrional, dando um lugar mais acentuado as fontes poéticas que são consideradas de múltiplas datações, mas que, infelizmente, a preservação delas tem um teor pequeno em comparação às outras tradições. Os seus maiores arquivos escritos se encontram localizados na Islândia, com a sua datação do século XIII em diante. A composição original repercute as datações em que o poema foi escrito: a poesia escáldica foi composta entre o século IX e X, entretanto, foi preservada no século XIII. Enquanto isso, alguns poemas éddicos são considerados como compostos no século XII e XIII. Já o manuscrito de 1270, contém poemas que foram compostos em datas diferentes como o *Voluspá* datado do século X e o *Thrymskvida* do século XII e XIII.

Começando pela questão da poesia escáldica, explicamos que esse escopo era composto pelos escaldos³ (poetas). Alguns escaldos atuavam como poetas de corte, trabalhando diretamente para reis e governantes, outros eram poetas viajantes, e alguns compunham a poesia por gosto pessoal. No século X, as famosas métricas de cortes (ou assim chamadas em nórdico antigo, “*Dróttkvætt*”) eram conhecidas pelo termo de poesia complexa e grandemente estilosa, ficando popular no mar da Noruega, Dinamarca e territórios que eram controlados por guerreiros nórdicos. É notório considerar que em alguns dos países como Noruega e Dinamarca havia guerreiros que selecionavam alguns dos poetas para declamar os mais sublimes elogios e feitos aos reis. Na Islândia não havia necessariamente um mercado com essas fontes, mas elas eram consideradas cruciais em exclamar os poemas e declamações que todo o mundo nórdico pode ter ouvido e logo atravessaram os mares naquele tempo (Abram, 2019, p. 121-174).

³ Poetas da Era Viking eram homens, mas também, ocorrem registros de poetizas (*Skáldkonur*: mulher poeta). A técnica escáldica era transmitida nas gerações mais avançadas para os mais novas, por meio do oral e individualizado. O escaldo necessitava de uma excelente memória, grande conhecimento em mitologia e cosmogonia nórdica, linguagem refinada e uma oratória sofisticada. Eles também eram mestres nas runas, dedicando-se tanto ao aprendizado do alfabeto *Futhark*, sendo talhadores de sinais pétreos quanto à magia rúnica (Langer, 2015c, p. 166).

John Lindow corrobora com essa perspectiva, trazendo uma breve compreensão sobre a poesia escáldica:

A poesia escáldica é valiosa não apenas para a exposição direta dos temas mitológicos, mas também, pela sua própria dicção. A principal característica estilística é o *Kenning*, uma substituição de duas ou mais partes para um substantivo. Kennings consistem em uma palavra base (por exemplo, “árvore”) é um modificador (“de batalha”). O que é uma “árvore de batalha”? Esta figura é na verdade, algo como um enigma. Porque ele se ergue alto em uma batalha, uma “árvore de batalha” é um guerreiro. O que é o “barulho das lanças”? Porque as batalhas são assuntos barulhentos, o “barulho das lanças” é a batalha. Kennings são conhecidos da poesia éddica e do verso das outras línguas germânicas mais antigas, mas assumiram uma importância especial na poesia skáldica porque Skáld como o modificador de uma palavra base para criar outra, por exemplo, “árvore do barulho das lanças” para guerreiro (Lindow, 2002, p. 32, tradução nossa).

Lindow (2002) ainda afirma que a poesia escáldica era uma poética oral vistosa e ornamentada, que deve ter levado muito tempo para dominar a sociedade em sua forma de se apresentar. De fato, uma certa quantidade de treinamento teria sido necessária apenas para entendê-lo como um membro da audiência. Por isso é certamente possível que o conhecimento dos mitos tenha sobrevivido à conversão ao cristianismo por causa do valor que a Islândia cristã primitiva deu aos poemas escáldicos sobre reis e governantes.

Quanto a essas estruturas, é importante memorar que em suas qualidades e adjetivações complexas, tende-se a descobrir as ideias simples atrás de uma sintaxe envolvida com vocabulários pormenorizados, que trazem estranhamento e pouca compreensão ao caso, códigos linguísticos e culturais que parecem complicados e dissimulados, derivando-se de uma métrica estrita, padrões de aliteração complexos, rima interna, acentos tônicos, não correspondendo propriamente a uma estrutura naturalizada e a língua nórdica antiga. Uma outra estrutura importante são os *kenningar*, que simbolizam a construção perifrástica (diminui-se para que se aumente) um tipo de ampliação do significado, como em várias partes que se substitui um nome ou uma ideia que foi expressa em uma linguagem complicada. Ele é propriamente a combinação de duas palavras, enquanto a segunda modifica o sentido da primeira, esta define o significado (Abram, 2019, p.121-174).

Os exemplos que escolhi até agora são relativamente óbvios, mas os escaldos também fizeram *Kenning*s com base na narrativa, ou seja, nas lendas heroicas e nos mitos. Por exemplo, chamavam o ouro de “a tiara da deusa Sif”, o que só é compreensível se o leitor conhece o mito em que Loki corta o cabelo de Sif e manda os anões fazerem o cabelo dourado para substituí-lo. *Kenningar* podem ser úteis na datação dos mitos, pois um *kenning* que se apoia em mito, indica que aquele mito era conhecido pelo escaldo e sua audiência em uma determinada época (Lindow, 2002, p. 33, tradução nossa).

Larrington (2014, p. 29-55) afirma que no século XIII, estiveram preservados a maioria dos versos, poemas mitológicos e heroicos, entretanto, considera que muitos desses são anteriores a conversão da Escandinávia datando o final do século X, desenvolvendo as escritas desses povos. É imprescindível considerar que os poemas mitológicos são considerados mais antigos do que os poemas heroicos, embora alguns desses sejam associados aos poemas Éddicos.

O início das produções Éddicas se dá ainda no século XIII, para designar os poemas presentes no *Codex Regius* (1270), em que foi novamente encontrado na Islândia, sendo de autoria anônima. Quando o *Codex Regius* ainda tinha sido descoberto pela população Islandesa, os versos estavam apenas relacionados aos mitos. Dos 31 textos dos manuscritos, 21 contam histórias derivadas das antigas lendas sobre os heróis germânicos, e 10 desses tratam das realizações nórdicas. Os poemas mitológicos se encontram no início do manuscrito e a partir daí vão enveredando sua própria ordem lógica na construção dos versos.

A *Edda Poética*, afirma Turville-Petre (1975, p. 1-35) é considerada o manuscrito mais longo que preservava a maioria dos poemas de sua classe. Portanto, a mais precisa origem, se deriva da Islândia, em que foi escrita nas últimas duas décadas do século XIII, por volta do ano de 1270, sobretudo, ela se originou de um ou inúmeros manuscritos que foram perdidos naquele período. A poesia Éddica é diferenciada da escáldica em sua grande composição, nela é percebido três variantes, sendo todas elas aliterativas e rítmicas, e suas sílabas não são estritamente contadas.

Essa poesia pode ser comparada ao gênero antigo de poesia Anglo-Saxônica e Germânica antiga. Entre os seus principais gêneros de contação, encontramos o mítico e o heroico. Entre eles, tem-se textos narrativos que se assimilam com os contos de heróis,

entretanto outros são didáticos e neles há uma forma de compreender o mundo dos deuses e dos homens, sua origem e seu fim.

O poema mais famoso escrito na *Edda Poética* é o *Voluspá* (Profecia da Vidente), no qual uma *volva*⁴ ou vidente é indagada pelo deus Odin formando imagens individualizadas dos mitos nórdicos, especialmente da criação e destruição do mundo. Esse poema revela o monólogo da vidente, no qual ela fala sobre passagens do passado, morte e renascimento dos deuses. Odin, por não ter os devidos conhecimentos da *volva*, busca compreender seus ensinamentos, especialmente aqueles que falam das catástrofes no fim do mundo, além daqueles que narram o começo de tudo, a origem dos homens, e por fim, o da fatalidade inevitável do Ragnarök⁵.

Larrington (2014, p. 11-29) descreve que a *Edda Poética* sendo considerada uma das obras escritas mais icônicas e importantes da literatura Escandinava. Ela compara a *Edda Poética* com outras obras famosas como o *Kalevalla*, as *Metamorfoses* de Ovídio, a *Teogonia* de *Hesíodo* ou até mesmo o *Mahabharata* dos indianos; sobretudo, pelo fato de transparecer um caráter generalista havendo humor, didática, verso, calamidade, drama maior e teor de lamúria copiosa.

Os poemas mitológicos que compõem a *Edda Poética* são onze. Desses, quatro são sobre a sabedoria do deus Odin, que disputava seus saberes com seus adversários, dentre eles: *Voluspá* (a profecia da *volva*), *Havámal* (os dizeres do mais alto), *Vafthrudnismal* (os dizeres de Vafthrudnir), *Grímnismál* (os dizeres de Grímir). As formas desses escritos mesclam-se entre diálogos, monólogos e narrativas. Os demais poemas são o *Skirnismal* (os dizeres de Skirnir), o *Harbardsljod* (a Canção de Hárbard), o *Hymiskvida* (o poema de Hymir), o *Lokasenna* (a discórdia de Loki), o *Thrymskvida* (poema ou canção de Thrym), o *Volundarkvida* (o poema de Volundr) e o *Álvismáll* (os dizeres do mais sábio) (Abram, 2019, p. 17-81).

⁴ Mulheres que possuem a adivinhação, clarividência, descoberta de coisas perdidas e segredos, cura de doenças, controle do tempo, manipulação de venenos, maldição contra os indivíduos, insultos e ofensas (Langer, 2015q, p. 451).

⁵ Significa: “consumação dos destinos dos poderes supremos” e parece ter significado mais antigo que a outra forma Islandesa (crepúsculo dos poderes supremos) e se refere a uma série de acontecimentos que culminaria com a morte dos deuses nórdicos mais importantes e a destruição de parte do universo, após que algumas deidades e humanos sobreviveriam em uma nova ordem cósmica. A palavra só existe na poesia Éddica, não ocorrendo em nenhuma outra fonte da Era Viking (793-1066 d.C.) (Langer, 2015n, p. 391395).

A poesia Éddica é composta por versos tradicionais e é desenvolvida em sua descrição pelo efeito estilístico da aliteração⁶, considerada uma forma antiga e análoga da poesia oral germânica. É percebido pelo termo de “formulação” diante das repetições e variações de “blocos” de poesia que fazem utilização de métricas idênticas com palavras extremamente parecidas, podendo ser encaixadas ao contexto. A aliteração não é estrita a um verso remoto, é importante termos o reconhecimento dessa origem e sua evolução, não apenas perceber o estado presente do texto. Esses poemas foram transmitidos de forma oral antes de serem colocados de forma escrita (Abram, 2019, p. 40).

Abram (2019, p. 17-81) ainda relembra que o nome da poesia éddica foi cunhado pelo bispo erudito Islandês Brynjólfur Jónsson, que nomeou o livro de “*Edda de Saemund*” após ter percebido a aproximação desse códice com um manuscrito da *Edda em Prosa*⁷. A poesia Éddica era considerada a segunda categoria do verso nórdico antigo, que descrevia os conteúdos mitológicos. Estes manuscritos estão em uma quantidade mínima e ocorrem no período de pós-conversão.

Além dessa fonte de compreensão do cenário da mitologia pré-cristã, já mencionamos mais uma fonte não menos importante sobre os conteúdos míticos. Conhecida como *Edda em Prosa*, cuja autoria é atribuída ao poeta islandês Snorri Sturluson (1179-1241), que escreveu a *Edda* por volta de 1220 d.C. O objetivo central de Snorri com essa produção literária se delimitava em preservar as fontes consideradas antigas sobre as realidades religiosas dos pagãos, tendo como preservação todo e qualquer conteúdo mitológico para trazer facilidade e entendimento dos versos e poemas aos outros poetas mais jovens possibilitando o acesso desse conteúdo mítico e seu valor histórico acerca de como funcionava a realidade daquela sociedade.

A *Edda em Prosa* é dividida em quatro partes: *Gylfaginning*, *Skaldskarpamál*, *Háttatal*, prólogo (enquadramento evemerista dos mitos). O tratamento da construção é bem parecido com a *Ynglinga saga* de Snorri. Além de ser afirmado por alguns leitores os apontamentos sobre a *Edda em Prosa* como o ponto inicial e valioso nas narrativas sobre o mito, apresentando um trabalho com bastante dinamizações e possibilidades,

⁶ Informa que a aliteração é uma figura de linguagem que consiste na repetição de fonemas consonantais ou sílabas, para remeter a um som e estabelecer efeitos sonoros específicos no texto (Abram, 2019, p. 40).

⁷ Obra em nórdico antigo escrita 1220 pelo poeta e historiador islandês Snorri Sturluson (1179-1241), também denominada de *Edda jovem*, *Edda de Snorri* ou *Edda Maior* (Langer, 2015a, p. 143).

trazendo compreensão e explicações, sobrevida aos mitos mesmo em meio a conversão da Escandinávia (Turville-Petre, 1975, p. 1-35).

Abram (2019, p. 17-81) afirma que as sagas Islandesas⁸ são bastantes variadas em suas estruturas, e vão desde histórias amorosas, mitos heroicos, narrativas com conteúdo de escrita mais tenebrosa, até temas cheios de fantasia e com conteúdos lúgubres - essas costumavam ser escritas pelos Islandeses em seu passado remotamente pagão. Sobre esse período, Langer (2015o, p. 44-442) afirma que as sagas descrevem a estória de famílias ou linhagens históricas da Islândia medieval, especialmente os feitos guerreiros que tiveram lugar entre os anos de 874 e 1030. O termo saga vem do verbo em Islandês *Segja*: “dizer, recontar”, e é uma exclusividade dessa região e do período medieval.

Turville-Petre (1975, p. 1-35) comenta que além das sagas de família, existem outras fontes que preservam certos conteúdos míticos dos nórdicos antes da cristianização. Entre essas, estão as *fornaldar sogur* (as sagas lendárias): Elas se desenvolvem em meio ao século XIII, com influências sobre formas literárias estrangeiras, trazendo contos, lendas, poemas heroicos, entre outros. Algumas dessas estórias se iniciam nos assentamentos da Islândia, mas suas narrativas vão para depois da Era Viking e até remontam a um passado distante na época das migrações germânicas (séculos V a VII). Nessas narrativas existem temas fabulosos, como dragões, gigantes, trolls, monstros, reis com espadas mágicas etc.

Turville-Petre (1975, p. 1-35) traz uma possível conceituação sobre as sagas de família, embora ocupem poucos conteúdos sobre os detalhes religiosos antigos. No que tange às práticas pagãs ela é bastante significativa na descrição das formas de conduzir esses comportamentos. É memorado o ato, por exemplo, de aspergir o recém-nascido com água, dar um nome no qual seja simbólico para aquela criança e oferecê-lo a um deus. Nessas sagas, há a descrição de templos, a forma na qual, se era administrado naquela época e as taxas devidas para a manutenção de um povo. Em dissemelhança com as *Eddas*, o deus Thor seria o deus mais importante dos Islandeses e adjacente a ele, o deus Freyr presidiria o destino pessoal e inacessível.

Entretanto, existe também a teoria hipercrítica na qual possui uma visão mais cética sobre os conteúdos pré-cristãos das sagas Islandesas e nos mitos em suas análises

⁸ As sagas teriam uma grande afinidade com as epopeias (*Ilíada*, *a canção de Rolando* e o poema de *Mio Cid*), esses poemas seriam pautados na construção de uma identidade cultural com fundo histórico, mas diferenciando-se por serem narrativas prosaicas e não poéticas (Langer, 2015o, p. 441-442).

construídas apresentando nesses temas, um tratamento considerado ficcional em sua totalidade e seu imaginário. Suas produções são determinadas por perspectivas cristãs aludidas nas práticas antigas e por esse motivo, são consideradas fontes diretas e indiretas da tradição antiga, refletindo na substituição ao cristianismo além de indicarem que a religião antiga se comunicou com o mundo sobrenatural (Langer, 2019, p. 17-20).

Algumas investigações na Escandinávia medieval apontam visualidades interdisciplinares e com multiperspectivismo estimando o caráter retórico e polêmico das narrativas. Essas fontes não passam de idealizações cristãs, como sugerem os estudos de Adam de Bremen e Rimbert. Os estudos cotidianos e histórico-sociais da época determinam em muitas dessas fontes a utilização de maneira ‘clínica’, ou seja, de uma forma mais individualizada (não possuindo nenhum tipo de fontes etnográfica ao paganismo e estimando uma visão de mundo “cristocêntrica” – “historiadores escravos dos textos”, retirando qualquer atributo referente ao contexto social da época pré-cristã (Langer, 2019, p. 17-20).

As formas devem ser utilizadas tanto empiricamente quanto teoricamente devem evidenciar os valores metodológicos nos quais são apresentados no comparativismo: estimando as diversidades de gêneros, sociedade e espacialidades. Todavia, devemos conduzir a religiosidade pré-cristã como unidades procedentes valorizando os elementos de reconstituição junto com os discursos das fontes. O termo utilizado nessa reconstrução de tradição é conhecido como “tradição vivida” aplicado ao estudo da religião nórdica antiga utilizado por arqueólogos e historiadores da religião, propondo que o delineamento social e material do mito seja prescrutado na vida cotidiana estando para além das questões verbais, artísticas e imagéticas encontradas na literatura medieval (Langer, 2019, p. 17-20).

As sagas de família são conhecidas pelo nome sagas dos Islandeses. Estima-se que essas narrativas ocorrem entre o século X e XI (Idade Média Central). As novas versões dessas sagas datam os séculos XVI e XVII. Essas sagas são consideradas prossimétricas (onde a prosa é intercambiada com a poesia), e, em algumas, além de desenvolverem as falas dos personagens nas narrativas, também trazem poemas laudatórios em homenagem a algum personagem. Isso ocorre geralmente para lembrar de algum antepassado ou agradecer pelas conquistas e batalhas que estavam por vir. Todo o cenário envolvia as ilhas Britânicas e a Escandinávia e suas expedições ocorriam em novos lugares. Os textos

não possuíam uma memorização pela escrita, por esse motivo as narrativas eram lembradas devido as narrativas orais que se permeavam entre os povos pré-cristãos. Além disso, a transmissão era facilitada tendo em vista que eles não dominavam a escrita e disseminavam as narrativas orais para diversas pessoas naquela sociedade (Campos, 2018, p. 37-40).

A classificação das sagas é baseada no critério de qualquer assunto ou cronologia, onde são desenvolvidas distinções entre ‘sagas de reis’, pois esse termo é utilizado na Idade Média. ‘A saga da Islândia’ é o subgênero muitas vezes denominado de “saga de família” em inglês, com esse grupo largamente ofertando as ações das famílias na Islândia durante o período do assentamento Islandês até os tempos dos ‘Islandeses a conversão no ano 1000 ou um pouco depois (Ross, 2010, p. 37-38).

Langer (2015p, p. 443-444) retoma explicando que as sagas podem ser chamadas de um subgênero das sagas lendárias ou dos tempos antigos das terras nórdicas, sendo constituídas por um subgênero das Sagas Islandesas. O conceito de *fornaldar sogur* (Sagas Lendárias), foi criado pelo acadêmico dinamarquês C. Carl Rafin, na sua edição de fontes medievais durante a década de 1830, constituindo em torno de 25 sagas: Narrativas em forma de prosa sendo escritas em torno do XIV e XV, mantiveram uma relação estritamente estreita com a tradição Éddica, incluindo uma relação direta com os mitos e folclore escandinavo, mas se aproximando muito mais da literatura continental que da mitologia.

A *fornaldar sogur* nasce em meio ao século XIV, com influências sobre formas literárias estrangeiras, tendo como seus principais objetivos os contos, as lendas e os poemas heroicos, entre outros. Portanto, não se utiliza da poesia escáldica, onde são mais elementares os versos Éddicos nas histórias da mitologia. Algumas dessas histórias, remontam-se nos assentamentos da Islândia e suas histórias vão além da Era Viking até um passado remoto. As migrações germânicas (V e VII) nessas histórias existem contos com temas fabulosos como dragões que cospem fogo, heróis, deuses, monstros, reis com espadas mágicas e até mesmo, os trolls. O mundo nesse tempo precisava desses processos que podem ser considerados mitológicos, para conseguir lidar com a vida. Havia na sociedade uma forma de transmissão do imaginário-social que foi estabelecido em que as pessoas tentavam fugir das representações que envolviam a realidade (Abram, 2019, p. 47).

Segundo Turville-Petre (1975, p. 1-35), existem outras fontes que retratam os conteúdos pré-cristãos - os quais chamamos, em inglês, de 'sagas heroicas'. Apesar de haverem algumas diferenças efetivas entre as "sagas heroicas" e as poesias, ambas as narrativas se referem aos povos que vieram da Islândia antes do século IX. Os conteúdos não tem necessariamente a preocupação em trazer relatos fiéis em cronologia e narrativa histórica, sobretudo, em tradição, sendo algumas mais antigas. Algumas levam heróis da Alta Idade Média, como Ermanaric Hrólf Krak, e outras heróis vikings como Ragnar Lodbrok e seus filhos. No mais, existem descrições do folclore medieval e diante desses conteúdos, os gêneros das narrativas acabam consubstanciados.

De acordo com Turville-Petre (1975, p. 1-35) reitera que na existência dessas formas escritas, as sagas lendárias⁹ podem ser mais antigas do que a segunda metade do século XIII. Muitas delas, se adaptam ao século XIV, com algumas ressalvas. A Saga *Sjeldange* é uma narrativa dos míticos lendários reis dinamarqueses, conhecida por Snorri, ele a compilou *Ynglinga saga*, - em alguns casos, a saga heroica passa a ser compilada.

A *Saga de Siguro e seus vassalos* se denominava leiga sobre a figura de *Siguro e seus vassalos* preservada na *Edda Poética*, e atendia à necessidade desses povos de responderem a perguntas sobre a origem das coisas. Nesse sentido, a mitologia conseguia responder de forma mais louvável às questões sem respostas que causavam dúvidas e incertezas. Era uma forma de utilizar a representação simbólica para trazer conforto e alternativas possíveis para que os indivíduos pudessem lidar com as mazelas e sentidos mais profundos de suas vidas (Abram, 2019, p. 48).

Conhecida como a mais importante das sagas islandesas nomeada como *Islendinga sogur*, essas sagas eram narrativas para o puro entretenimento aristocrático de um ponto de vista da recepção social, não sendo reflexos diretos de fatos históricos. Apesar de não serem consideradas realistas como as sagas dos bispos, contemporâneas e de famílias, as sagas lendárias possuem afinidade de muitos temas com estes outros subgêneros, com a incidência de magia e feitiçaria. Mas há diferenças estruturais.

⁹ Alguns pesquisadores demonstram vínculo desse subgênero com a tradição heroica, mitológica, folclórica e literária tanto do continente quanto da própria Escandinávia, pelo fato de suas características fantásticas. As *fornaldsogur* foram relegadas para um segundo plano nos estudos escandinavistas clássicos, sendo retomadas atualmente em investigações sobre ideologia e sociedade do mundo nórdico medieval (Langer, 2015p, p. 443).

Enquanto os temas fantásticos (com a presença de monstros, situações fantásticas – metamorfoses, invencibilidade e etc.) são preponderantes nas *fornaldar sogur*, acontecimentos sobrenaturais ocorrem preferencialmente nas *Islendinga sogur* (Langer, 2015p, p. 443).

As sagas dos reis começam a ser escritas a partir da segunda metade do século XII tanto na Islândia como na Noruega, e são utilizadas para desenvolver as biografias dos reis. Elas constituem uma série de assuntos biográficos e semibiográficos porque são desenvolvidas as bibliografias dos reis da Noruega como a Saga de Sverrir ou A saga de Hákon entre os séculos IX e XIII. Essa evolução do subgênero está relacionada ao monastério beneditino de Thingeyrar sendo realizada a Saga do rei Olaf, o santo em 11700 (Campos, 2018, p. 39-40).

Outro apontamento acerca da *Konungarssogur* relata que essas sagas estão sendo mais utilizadas pelo meio acadêmico como objetos de estudos entre vários pesquisadores na contextualização da Idade Média Escandinava. As sagas reais são consideradas um escopo do século XII ao XIII, possuindo algumas conexões entre si. Os primeiros trabalhos que lançam a oralidade para os escritos da sociedade norueguesa são Saemundur Sígfusson, primeira enumeração a monarquia norueguesa, mencionada no poema *Nóregs konungatal*, parte do *Flatelyjarbók*, listando cerca de dez reis noruegueses. Os conteúdos se baseiam em sinopses de vidas dos reis, compilações de sagas e obras hagiográficas referentes a vida do santo Óláfr. É notório que essas obras têm relação com os poemas escaldos, compostos bem antes do início da escrita das sagas. Não se pode afirmar em qual momento ocorre a transição pontual, pois o processo é lento e amplo. A forma escrita e oral coexiste, sendo a poesia o modo oral de preservar a oralidade do povo nórdico (Miranda, 2015a, p. 445-447).

As sagas dos bispos descrevem as memórias dos homens que regeneram as cedes episcopais Islandesas entre o século XI e XVI, entretanto, as primeiras obras datam o século XIII. A forma como essa narrativa é desenvolvida é mais artificial em comparação as sagas de família. Os milagres que ocorriam entre os bispos eram vistos com o caráter estritamente cômico, as disputas entre os pagãos e os bispos ou algum tipo de intriga onde os cristãos convenciam a sociedade que os cristãos eram melhores do que os pré-cristãos. Essas narrativas estão relacionadas a vida cotidiana na Islândia Medieval depois de sua conversão. Essas são tão conhecidas quantos as sagas lendárias e as sagas de família.

Essas narrativas eram desenvolvidas devido as estórias que os bispos contavam após sua morte e assim, eram disseminadas na forma oral até serem compiladas (Campos, 2018, p. 40-41).

As sagas contemporâneas eram consideradas a forma “ctônica histórica da Islândia” e, por essa razão, são consideradas fontes históricas escritas. Tendo uma linha bastante direta, essas sagas descrevem os eventos e as pessoas que compunham aquelas sociedades que vão do século XII até 1260, sendo delimitadas em um período de cem anos. Sendo narrados acontecimentos do passado e correlacionando esses com os da época em que foi escrita a saga, *a saga de Sturlungar* é um exemplo primordial. Outras sagas consideradas importantes são as cavaleirescas, elas, em resumo, foram escritas entre XIII e XIV, e foram consideradas as versões dos romances nórdicos medievais ‘O rei Artur’ e ‘os cavaleiros da Távola redonda’, entre outros, envolvendo o tema arturiano (Campos, 2018, p. 41-42).

Conclui-se até aqui o pensamento sobreposto. Sabemos que as fontes da mitologia nórdica pré-cristã trazem um diverso molde para o pensamento e possibilidades de perceber as tradições na Escandinávia. Essas fontes vão desde a Idade de Ferro até a Idade Média Tardia, sendo tipologias diversificadas como o exemplo de bens tumulares, poesia oral antiga e um pouco depois contos eruditos. Essas fontes também trazem consigo uma historicidade da cultura pré-cristã que não pode ser deixada de lado. É presumível dizer que quanto mais recentes forem essas fontes, menores as chances de conseguir pensar e descrever seus mitos, pois são muito mais fragmentos de um sistema que envolve crenças e narrativas nas quais expressam descrições das fontes antigas (Abram, 2019, p. 5556).

Os mitos vão de um simples produto da religião nórdica pré-cristã e necessitam igualmente de um extenso processo de trocas religiosas e culturais, tanto em transmissão textual e de interpretações quanto de formas de reinterpretação. As histórias significam coisas diferentes para pessoas diferentes, que, por sua vez, as interpretam de modos diferentes. Por isso mesmo, cada história é única e terá seu próprio modo de se desenvolver.

Considerações finais

Estes apontamentos teóricos e conceituais são efetivos para traçar caminhos de reflexão sobre as fontes nórdicas pré-cristãs como elementos esclarecedores para o estudo

da mitologia nórdica no Brasil. Observamos que seus conteúdos determinam um diverso arcabouço para a compreensão das expressões religiosas no território do norte pré-cristão.

É cabível a necessidade de estudos e pesquisas no entendimento de como esses povos viviam, quais eram suas crenças e como o sagrado nórdico era simbolizado e significado, no período da Idade de Ferro à Idade Média Tardia ou Baixa Idade Média, especialmente porque a busca de novos apontamentos sobre símbolos, narrativas míticas e tradições no cotidiano medieval, não deixando de lado a cultura material, elemento importante nessas investigações, pode favorecer abordagens futuras atreladas ao diálogo interdisciplinar das fontes materiais e literárias, com novas informações sobre uma sociedade que precisa ser melhor entendida no Brasil.

Sabemos que a Era Viking foi um período que se estendeu do século VIII ao XI e delimitou diversas interações e mudanças sociais além das mudanças religiosas entre os nórdicos, que impactaram diretamente os povos cristãos na posterioridade. Esses são apenas alguns dos motivos pelos quais devemos manter esse campo de estudo e discussão em aberto, concebendo novas pesquisas que tematizem e explorem compreensões acerca dos povos nórdicos pré-cristãos. As fontes primárias são consideradas o conteúdo mais seguro para referências centrais nessas perspectivas, não sendo previamente fragmentos, mas sim, nesse campo, vértices para estudos pormenorizados e esclarecedores de como os povos pré-cristãos percebiam suas crenças antigas e como estas foram ressignificadas.

Esse material não se trata apenas, em sua gênese, de aspectos oriundos das fontes com as temáticas das divindades e seres sobrenaturais, mas também de novas concepções de teóricos ao descrever a mitologia nórdica e as crenças dos povos nórdicos pré-cristãos. Por isso mesmo, objetivo deste artigo foi apontar formas de estudar as fontes e seus conceitos e compreender o sistema mítico-religioso dos povos nórdicos pré-cristãos em uma sociedade que valorizava as narrativas míticas do seu povo e sua materialidade como elementos ligados diretamente às suas crenças.

Considerando isso, podemos dizer que, conforme o tempo passa, o mito, em sua gênese, é reinterpretado e decodificado nos valores contemporâneos. Portanto, conceber tais informações acerca das crenças nórdicas antigas poderá incentivar novos estudos, discussões e conceitos na forma pela qual essa sociedade compreendia seus mitos e sua religião, e significava suas relações e significados de mundo



Referências bibliográficas

Fontes primárias:

FAULKES, Anthony. *Edda Snorri Sturluson*. translated and Edited by Anthony Faulkes. University of Birmingham. Library: Everyman. 1992.

LARRINGTON, Caroline. *The Poetic Edda* – Translated with an introduction and notes by Caroline Larrington. Oxford University Press: United Kingdom. 2014, p. 4-12, 80-92, 93-97.

Fontes secundárias:

ABRAM, Christopher. *Mitos do norte pagão*. Os deuses nórdicos. Rio de Janeiro. Editora: Vozes, 2019. Pp. 15-263.

AYOUB, Munir. Lutfé. Cristianização na Escandinávia. In: Langer, Johnni (org.). *Dicionário de História das religiões na Antiguidade e Medievo*. Rio de Janeiro: Editora: Vozes. 2020. p. 103-108.

CAMPOS, Luciana de. Literatura e Mito na Escandinávia Medieval. Aspectos da Mulher Guerreira na Saga de Hervör. 2018. Tese de doutorado. Letras. UFPB. João Pessoa. 05/04/2018. p.35-39.

CHRISTIANSEN, Eric. *The Norseman in the Viking Age – The People of Europe*. Oxford. Blackwell. 2006. p. 125-131.

DAVIDSON, Hilda Ellis. *The Lost Beliefs of Northern Europe*. London/New York: Routledge, 1993.

LANGER, Johnni. *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015a, p. 143.

LANGER, Johnni. *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015.

LANGER, Johnni. *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. Org. Johnni Langer. São Paulo: Editora. Hedra. 2018.

LANGER, Johnni. Escandinávia. In: Langer, Johnni (org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2018a, p. 226-229.

LANGER, Johnni. Viking. In: Langer, Johnni (org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2018c, p. 706-717.

LANGER, Johnni. *Teorias e métodos para o estudo da mitologia nórdica*. Rever, n. 1, p. 235-270, 2018a.



LANGER, Johnni. *Contestação de uma historiografia dos estudos nórdicos brasileiros: Resenha: Um ensaio historiográfico sobre a Escandinavística brasileira* de Lukas Grzybowski e Renan Marques Birro. *Scandia Journal of Medieval Norse Studies* n. 2, 2019, p. 510-521.

LANGER, Johnni. *As religiões nórdicas da Era Viking – símbolos, ritos e deuses*. Rio de Janeiro: Vozes, 2023, p. 125-131.

LINDOW, John. *Norse Mythology – A guide to the gods, heroes, rituals, and beliefs*. New York: Oxford University, 2002.

MIRANDA, Pablo Gomes de. Sagas Reais. In: Langer, Johnni (org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015a, p. 445-447.

MOOSBURGUER, Théo de Borba. *Sagas islandesas: Saga dos Volsungos*. São Paulo: Hedra, 2009.

NEVES, Leandro César Santana. Kiev. In: Langer, Johnni (org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2018, p. 453-455.

ROSS, Margaret Clunies. *The Old Norse-Icelandic Saga – The Cambridge introduction to. Cambridge. New York*. University press, 2010. p. 37-38.

SCHJØDT, Jens Peters. *The Reintroduction of Comparative Studies as a Tool for Reconstructing Old Norse Religion*. Turnhout: Brepols, 2017, p. 51–64.

TURVILLE-PETRE, Edward Oswald Gabriel. *Myth and Religion. the Religion of Ancient Scandinavia*. Greenwood Press, 1975.